

“PRESERVAR ESSES CORPOS, OS NOSSOS CORPOS, VIVOS E ESQUECIDOS, DENTRO DA OBRA”: COLETIVIDADE VIETNAMITA-AMERICANA GAY NA RETÓRICA DE *SOBRE A TERRA SOMOS BELOS POR UM INSTANTE* (2019), DE OCEAN VUONG

“TO PRESERVE THESE, OUR BODIES, BREATHING AND UNACCOUNTED FOR, INSIDE THE WORK”: GAY VIETNAMESE AMERICAN COLLECTIVITY IN THE RHETORIC OF *ON EARTH WE’RE BRIEFLY GORGEOUS* (2019), BY OCEAN VUONG

Renato Lazaro Leal Gomes

Mestrando em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9655223210031214>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1372-0583>
E-mail: lazarorenato99@gmail.com

Resumo: *Sobre a terra somos belos por um instante* (2019), romance de Ocean Vuong (1988-), é o objeto deste trabalho, que analisa as estratégias retóricas empregadas pelo protagonista, Cachorrinho, para construir um discurso pessoal que reflete experiências coletivas de sua comunidade vietnamita-americana gay nos Estados Unidos. Isso inclui identificar os elementos lexicais que evidenciam essa retoricidade e descrever quais vivências desse grupo são visibilizadas pela linguagem do personagem. Uma análise textual (Belsey, 2013) foi conduzida incorporando a retórica testemunhal como expressão literária (Sarlo, 2007), o hibridismo (Pelaud, 2011), que investiga interseções socioculturais da identidade vietnamita-americana, e a leitura queer (Stockton, 2023), que examina representações de jornadas não heterossexuais. As discussões sugerem que a narrativa intimista de Cachorrinho transcende o autobiográfico e que suas lutas identitárias não são casos isolados. Assim, Vuong constrói um personagem que alcança o objetivo de preservar histórias e corpos que, embora frequentemente esquecidos, continuam a existir.

Palavras-chave: Retoricidade. Identidade. Hibridismo. Leitura queer. Sobre a terra somos belos por um instante.

Abstract: *On Earth We’re Briefly Gorgeous* (2019), a novel by Ocean Vuong (1988-), is the focus of this work, which analyzes the rhetorical strategies employed by the protagonist, Little Dog, to construct a personal discourse that reflects some collective experiences of his gay Vietnamese-American community in the United States. This includes identifying lexical elements that evidence this rhetoric and describing which experiences of this group are made visible through the character’s language. A textual analysis (Belsey, 2013) was conducted, incorporating testimonial rhetoric as literary expression (Sarlo, 2007), hybridity (Pelaud, 2011), which investigates the sociocultural intersections of Vietnamese-American identity, and queer reading (Stockton, 2023), which examines representations of non-heterosexual journeys. The discussions suggest that Little Dog’s intimate narrative transcends the autobiographical, and his struggles with identity are not isolated cases. Thus, Vuong creates a character who achieves the goal of preserving stories and bodies that, though often forgotten, continue to exist.

Keywords: Rhetoricity. Identity. Hybridity. Queer reading. *On Earth We’re Briefly Gorgeous*.

Introdução

“Deixa eu começar de novo. Querida Mãe, estou escrevendo para chegar até você — ainda que cada palavra que eu ponha no papel fique uma palavra mais longe de onde você está. Estou escrevendo para voltar ao tempo” (Vuong, 2021, p. 11). Assim inicia o livro em formato de carta que Cachorrinho escreve aos vinte e oito anos para sua mãe, Rose, que não sabe ler. Ele revisita experiências formativas que contribuíram para sua identificação como um vietnamita-americano homossexual na sociedade estadunidense. Desde esse começo, já há uma sugestão de recuperação de memórias e de tentativa de fortalecer sua relação com Rose, por meio de um texto que navega entre tempos distintos e sentimentos complexos. Contudo, surge a dúvida: ele consegue alcançá-la por meio da escrita, mesmo sem ela ter desenvolvido a habilidade linguística que possibilita o acesso a esse conteúdo? Como isso é possível?

A solução inicial é de que o discurso de Cachorrinho não alcança sua mãe diretamente, uma vez que ele reconhece a dificuldade dela em acessar tais palavras por ser iletrada. Por outro lado, a mensagem da carta funciona como uma reflexão individual que, indiretamente, para o protagonista, chega até ela em um nível emocional e simbólico. Isso implica afirmar que ele utiliza a escrita para processar suas sensações e lembranças das fases da vida que impactaram sua percepção de si e do mundo ao seu redor. Mesmo ciente de que provavelmente Rose não lerá a carta, o personagem acredita que suas palavras a alcançam uma vez que ele aborda os temas operando a linguagem de um modo que a fizesse compreendê-los caso a lesse. Dessa forma, ele desenvolve em si a edificação de uma ponte de entendimento e conexão que transcende a barreira da leitura entre eles.

Como esse formato literário é pessoal, o protagonista se beneficia de uma narrativa predominantemente em primeira pessoa que o estimula a discorrer sobre relatos íntimos. Ele entende que a carta acolhe seu testemunho como um gay cisgênero, pobre, nascido no Vietnã e naturalizado nos Estados Unidos da América (E.U.A.) — para onde imigrou aos dois anos. Sua formação como vietnamita-americano, no entanto, não se limita à vivência como imigrante: ela também é atravessada pela herança histórica familiar, uma vez que sua mãe é fruto do relacionamento entre sua avó vietnamita, Lan, e um soldado estadunidense branco durante a Guerra do Vietnã. Logo, Cachorrinho é plenamente consciente de que só existe por conta da guerra.

Esse testemunho, por sua natureza, não segue as regras dos discursos referenciais tradicionais, já que se apresenta como uma perspectiva de um indivíduo “[...] alegando a verdade da experiência, quando não a do sofrimento” (Sarlo, 2007, p. 38). Isso significa que sua narração carrega uma forte carga emocional e traumática, afastando-se de qualquer pretensão de neutralidade. Por isso, ele se sente à vontade para contar memórias unidas a reflexões que visam construir um processo de autorrepresentação.

Todavia, diversas passagens registram circunstâncias que vão além de sua singularidade. Como afirma Lima (2011, p. 293), ao narrar suas experiências e perspectivas, os personagens conferem notoriedade às realidades sociais e emocionais das comunidades que representam fora da ficção. Isso reverbera uma visibilidade coletiva a ocorrências comuns entre aqueles com identidade social semelhante.

Portanto, ao persistir em escrever a carta, mesmo ciente de que não será lida pela destinatária, Cachorrinho demonstra compreender que o alcance que ele busca com essa produção transcende o desejo de contar sua história para a figura materna. Na verdade, ele procura visibilizar, por meio do registro escrito, os indivíduos que compartilham trajetórias semelhantes à sua.

Essa trama é referente ao romance epistolar do vietnamita-americano Ocean Vuong (1988-), *On Earth We're Briefly Gorgeous* (2019). Ou, como foi traduzido em 2021 no Brasil, *Sobre a terra somos belos por um instante*. Ele é um autor da nova geração das literaturas de língua inglesa que, após ser premiado por suas obras de poesia, resolveu expandir sua linguagem poética para outros formatos narrativos, sendo esse seu romance de estreia. Inclusive, esta é considerada a 48ª melhor obra do século XXI, consoante os leitores do *The New York Times* (Aufrichtig; Katz, 2024).

A justificativa deste artigo é que, através da narrativa pessoal, Cachorrinho revela nuances de sua vida que refletem sobretudo a luta, a resistência e a resiliência de outros vietnamita-americanos gays pobres nos E.U.A. Portanto, seu texto é um testemunho capaz de ressaltar a voz desse grupo que compartilha histórias similares de migração, marginalização e busca por pertencimento na

sociedade estadunidense.

As palavras que Cachorrinho usa para escrever sobre seus impasses cotidianos proporcionam o reconhecimento de experiências que interseccionam os preconceitos sistematicamente enraizados devido à raça, à sexualidade, ao gênero e à classe econômica dos homens vietnamita-americanos homossexuais pobres. Por conseguinte, torna-se um problema de pesquisa pertinente compreender como o narrador utiliza estratégias retóricas que ampliam a visibilidade de suas exposições individuais, refletindo também as vivências do grupo marginalizado ao qual pertence.

Diante desse contexto, é necessário reformular a pergunta de pesquisa para ir além de como Cachorrinho busca alcançar sua mãe e focar em como ele busca comunicar sua realidade coletiva. Assim, a nova questão central é: de que maneira o protagonista usa a retoricidade para mostrar que a representação de sua jornada pessoal visibiliza a dos vietnamita-americanos gays nos E.U.A.?

O objetivo primário do artigo é analisar as estratégias retóricas de Cachorrinho para desenvolver um discurso pessoal que evoca uma representação coletiva da comunidade vietnamita-americana gay nos E.U.A. em *Sobre a terra somos belos por um instante*. Para isso, é fundamental identificar os elementos lexicais que indicam tal retoricidade. E, também, descrever quais experiências desse grupo a linguagem utilizada pelo protagonista visibiliza.

De acordo com Belsey (2013), a análise textual é uma metodologia essencial para investigar os significados construídos pela linguagem em obras literárias — como seus reflexos e suas contestações culturais e históricas. Ela permite observar como a estrutura, o vocabulário, as figuras de linguagem e as escolhas estilísticas da narrativa contribuem para a construção de sentidos. Por meio dessa abordagem, esta pesquisa analisa os termos retóricos de *Sobre a terra somos belos por um instante*, de Ocean Vuong. No contexto narrativo, essas expressões revelam um discurso individual do protagonista Cachorrinho que, simultaneamente, alude a uma experiência coletiva de sua comunidade vietnamita-americana gay nos E.U.A. Enriquecendo, assim, seu testemunho como um imigrante gay, fruto da Guerra do Vietnã. Logo, para identificar e analisar cuidadosamente os elementos lexicais que integram tal retoricidade e expressão identitária em trechos do romance, o trabalho se fundamenta especialmente na retórica testemunhal literária (Sarlo, 2007), a qual é uma expressão da voz do sujeito na literatura como testemunha de realidades coletivas. Em colaboração, utiliza-se o hibridismo (Pelaud, 2011), que explora as interseções culturais e identitárias na formação das identidades vietnamita-americanas, e a leitura *queer* (Stockton, 2023), que examina as experiências, representações e identidades de indivíduos não heterossexuais.

A identidade vietnamita-americana gay na retórica testemunhal literária

A retórica — que corresponde à técnica de estruturação das palavras para evocar emoções, persuadir, convencer e envolver um público — é inerente a toda forma de comunicação. Afinal, a linguagem não apenas transmite informações, como também condiciona percepções. Tal pensamento é destacado por Bender e Wellbery (1998, p. 32) quando afirmam que “[...] os discursos [...] devem ser analisados em termos de sua localização estratégica dentro de um conflito de forças concorrentes, elas próprias constituídas nas e através das próprias dissimulações retóricas que empregam”. Isso significa que, ao situar um enunciado em um cenário, é possível identificar as estratégias de retoricidade — ou seja, os métodos utilizados para operar o léxico com eficácia — que são empregadas para alcançar seus objetivos.

Essa interpretação corresponde à retórica contemporânea, a qual não é mais caracterizada por regras limitantes, sendo aberta à diversidade discursiva. Ela é particularmente relevante em análises sobre dinâmicas raciais e de sexualidade, uma vez que as declarações sobre esses temas refletem frequentemente a complexidade das relações de poder desiguais. Considerando isso, ao examinar um texto literário que, por meio de um testemunho, aborda tais temáticas no contexto da sociedade estadunidense, como *Sobre a terra somos belos por um instante*, é crucial atentar-se às escolhas linguísticas e estilísticas da composição. Afinal, elas influenciam a interpretação sobre os tópicos explorados.

Nesse contexto, as retóricas testemunhal e literária se interseccionam por Cachorrinho

transformar sua experiência pessoal em narrativa, utilizando seu relato como uma forma de reivindicar espaço para si e seus semelhantes, tanto no presente quanto no futuro dos E.U.A. Conforme Sarlo (2007, p. 51), “o discurso da memória, transformado em testemunho, tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se uma posição no futuro; justamente por isso também é atribuído a ele um efeito reparador da subjetividade”. Sob tal raciocínio, a carta de Cachorrinho, enquanto peça literária, ultrapassa a expressão de sua vivência, adquirindo uma função política e social. Esse testemunho no âmbito literário contribui para a ampliação da percepção sobre realidades marginalizadas no país e a fomentação de um campo de diálogo mais abrangente sobre identidade, memória e poder.

Esse aspecto relacional entre um personagem ficcional e indivíduos reais indica que Vuong criou um protagonista que mimetiza uma jornada dos vietnamita-americanos, sobretudo, pobres e gays nos E.U.A. Ou seja, sua formação ao longo do romance contempla intencionalmente situações comumente vividas por tal população fora da ficção, refletindo tanto experiências pessoais quanto coletivas. Logo, para manter essa coerência, a linguagem que ele utiliza incorpora elementos que representam a comunidade que constitui sua identidade.

Segundo Lima (2011, p. 289), o que leva à importância de representações sociais na literatura, como a feita por Vuong, é a contribuição que ela reverbera para uma compreensão mais consciente da diversidade de realidades. Assim, ao criar um personagem autêntico — tanto em sua personalidade quanto em seu discurso — o autor ressalta uma identidade que não só desafia estereótipos prevalentes na cultura estadunidense, como também amplia o entendimento das complexidades interseccionais enfrentadas pela comunidade vietnamita-americana gay nos E.U.A.

Como resultado do trabalho vuonguiano, a materialização dessa mimesis no testemunho apresentado remete à capacidade retórica de Cachorrinho de aludir a uma voz que abrange tanto imigrantes vietnamitas quanto homens gays, mas, especialmente, a população interseccionada por esses dois grupos marginalizados nos E.U.A. Essa ênfase se dá porque, por ser um vietnamita-americano homossexual, ele vivencia situações que engloba tanto sua identidade racial quanto sexual. Tal combinação impõe desafios únicos que não são plenamente compreendidos quando analisados separadamente.

Isso indica que, como afirmado por Eng (1997, p. 361), considerar a perspectiva de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários e outras sexualidades e gêneros (LGBTQIAPN+) nos estudos sobre identidades asiático-americanas ajuda a articular como as formações de sexualidade, raça, gênero e classe estão interconectadas no desenvolvimento desses indivíduos na sociedade estadunidense. Assim, a escolha lexical de Cachorrinho revela as camadas de sua trajetória pessoal, bem como espelha as lutas das comunidades que ele compõe, utilizando a linguagem como uma ferramenta para a visibilidade coletiva.

Nesse sentido, se faz necessário considerar a união de uma abordagem sobre os estudos de identidades vietnamita-americanas com uma sobre identidades gays para concentrar o olhar analítico a respeito da retoricidade testemunhal de Cachorrinho em *Sobre a terra somos belos por um instante*.

Portanto, esta pesquisa se fundamenta no hibridismo (Pelaud, 2011, p. 49), que explora como os vietnamita-americanos impactados por colonialismo, guerra, imigração e racismo enfrentam a falta de acolhimento do estado dos E.U.A. e do Vietnã. Consequentemente, é possível analisar o discurso de Cachorrinho, que suscita complexidades como trauma, sacrifício e adaptabilidade dessa população diante da luta histórica por resistência e acomodação na sociedade estadunidense.

Junto a isso, a leitura *queer* ajuda a interpretar as nuances LGBTQIAPN+ da obra, focando mais precisamente, nesse caso, “[...] [n]a relação entre gênero, sexualidade e outras categorias sociais como raça e classe” (Stockton, 2023, p. 2, tradução nossa). Ela é uma ferramenta crítica poderosa para expandir as compreensões sobre vozes e narrativas não heterossexuais, como a apresentada por Cachorrinho, promovendo uma percepção mais inclusiva dessas identidades.

Por fim, com base nessa ótica que ratifica o prestígio da retórica testemunhal de Cachorrinho para evocar a articulação de uma identidade vietnamita-americana gay, é pertinente reiterar que, embora ele seja marginalizado no mundo do romance, sua existência possui grande relevância nesta análise. A mudança de perspectiva a respeito de sua figura é fundamentada na visão explorada

por Lukács (2000, p. 83) sobre “[...] essa vida só ganha[r] relevância por ser a representante típica daquele sistema de ideias e ideais vividos que determina regulativamente o mundo interior e exterior do romance”. Em outras palavras, o protagonista é apenas um indivíduo comum no cenário estadunidense ficcional; entretanto, para esta pesquisa, sua presença se torna de grande valor por ele ser o responsável por estruturar tanto o interior (psicológico e emocional) quanto o exterior (social e cultural) da história. O estudo só é possível graças à qualidade de seu testemunho, que transforma sua experiência pessoal em uma reflexão profunda e representativa. Afinal, a narrativa é completamente desenvolvida a partir de seu ponto de vista, o que reforça seu papel central na análise da identidade vietnamita-americana gay.

A retoricidade em *sobre a terra somos belos por um instante*

Os fragmentos de *Sobre a Terra Somos Belos por um Instante* que serão analisados contribuem para evidenciar a utilização de estratégias de retoricidade dentro de um discurso individual de Cachorrinho para o desenvolvimento de temas que evocam representações coletivas da comunidade vietnamita-americana gay nos E.U.A. Para identificar a linguagem usada por ele e descrever quais experiências desse grupo são visibilizadas, é necessário unir a abordagem sobre estratégias discursivas na retórica testemunhal literária juntamente com o hibridismo e a leitura *queer*.

O primeiro excerto selecionado explora o perigo da cor rosa. Nesta cena, Cachorrinho lembra quando sua mãe o presenteou com sua primeira bicicleta na infância — a mais barata da loja, que era a que ela conseguia pagar: um modelo rosa-choque com rodinhas e serpentinas. Pela forma como a memória é detalhada, tanto ele quanto Rose aparentavam sentir uma felicidade genuína pela aquisição do objeto. A cor não tinha um significado relevante para eles, pois a aparência não afetava seu funcionamento. O sentimento deles, no entanto, é alterado a partir do contato do protagonista com dois garotos que inesperadamente travam sua bicicleta com as mãos e o derrubam dela. Para eles, Cachorrinho em uma bicicleta associada a meninas transgride uma norma social do país, fazendo-os se sentirem no direito de intimidá-lo e humilhá-lo.

O garoto grande pegou um chaveiro e começou a raspar a tinta da minha bicicleta. Saía fácil, em fagulhas róseas. Fiquei ali, sentado, vendo o concreto ficar salpicado com pedaços de rosa enquanto ele feria os ossos da bicicleta com o chaveiro. Eu queria gritar, mas não sabia gritar em inglês. Então não fiz nada.

Foi nesse dia que aprendi como uma cor pode ser perigosa. Que um garoto podia ser derrubado daquela cor e ser obrigado a prestar contas de sua transgressão. Mesmo que a cor não seja *nada*, apenas o que a luz revela, esse nada tem leis, e um menino numa bicicleta rosa precisa aprender, sobretudo, a lei da gravidade. (Vuong, 2021, p. 128, grifo do autor)

No final, o narrador lembra sua mãe restaurando cuidadosamente com esmalte rosa cada parte raspada. Tal gesto de cuidado traz um alívio simbólico para a humilhação enfrentada. Assim, a bicicleta volta a exibir seu brilho rosa-choque, agora carregado de um novo significado: uma evidência da resiliência e do amor materno em meio à adversidade.

A seleção de palavras para relatar o vandalismo dos garotos é interessante porque Cachorrinho utiliza uma poeticidade que transcende esse momento para uma reflexão que relaciona identidade e opressão. Mais precisamente, a linguagem empregada ressoa sua interioridade, transmitindo intimamente seus sentimentos acerca daquela circunstância. Como observa Adorno (2003, p. 56), “[...] contar algo significa ter algo especial a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela standardização e pela mesmice”. Dessa forma, ao optar pela comunicação ornamentada ao invés de descritiva, Cachorrinho oferece uma expressão mais envolvente e sentimental do que enfrentou, alcançando uma narrativa autêntica.

Isso é evidenciado nas partes seguintes. Primeiro, a relação de metáforas visuais — ‘fagulhas róseas’ e ‘ferir os ossos da bicicleta’ — com o ato de raspar a tinta da bicicleta converte o incidente em uma experiência estética e emocional. Segundo, a confissão de não saber gritar em inglês ecoa um efeito da barreira linguística sobre imigrantes (vietnamitas, no seu caso), revelando a sensação de impotência e exclusão. Terceiro, a reflexão sobre o perigo que uma cor pode exprimir para o sexo masculino no contexto dos E.U.A. ao estar associada a uma ideia normativa de feminilidade. Quarto, a ironia ao destacar a discriminação nas normas sociais que transformam algo aparentemente insignificante, como a cor rosa, em um símbolo de transgressão e ameaça. Por fim, a metáfora ‘lei da gravidade’ para aludir às expectativas e preconceitos sociais, pois, embora invisíveis, ambas têm um impacto inevitável na vida dos indivíduos — vietnamita-americanos gays, como ele, que são marginalizados por desafiar os padrões sociais. Essas escolhas lexicais permitem uma conexão direta com as emoções de Cachorrinho, criando uma ponte comovente entre a descrição do evento e a interpretação dele.

Ainda assim, a estratégia retórica que transita a perspectiva individual de seu discurso para a coletiva acontece quando o narrador sistematiza uma lição social a respeito do episódio. Sua abordagem muda da primeira para a terceira pessoa, com as expressões ‘um garoto’ e ‘um menino’. Ao expandir o foco para além de si na teorização, Cachorrinho indica que o ocorrido não foi uma exclusividade com ele, trata-se de uma injustiça sistêmica enfrentada frequentemente por vietnamita-americanos gays ao transgredirem a heteronormatividade com símbolos associados ao feminino, como a cor rosa. Por consequência, a infeliz cena termina significando uma representação prática da marginalização dessa comunidade.

A partir da compreensão desses signos como elementos retóricos para evocar coletividade, fica evidente que o uso de uma linguagem conotativa na descrição da cena colaborou para que Cachorrinho construísse, inicialmente, uma perspectiva imersiva que exaltasse a singularidade de sua experiência, mas que, em seguida, foi transformada em uma reflexão sobre um problema social. Tal recurso cria uma atmosfera estética que evoca sentimentos de exclusão e fragilidade, os quais pertencem não só a ele, mas também a toda sua comunidade nos E.U.A.

O resultado desse modo de utilizar os elementos lexicais é eficaz, pois o narrador atinge seu objetivo de não só contar o que aconteceu, mas principalmente de mostrar como o ocorrido significa algo para ele e para os que compartilham da mesma interseccionalidade de raça e sexualidade. Portanto, essa construção linguística é um ato de resistência, em que o uso crítico da subjetividade se torna uma ferramenta para expor e contestar as hierarquias sociais que impõem regras invisíveis que governam corpos como o dele.

Outro momento que exemplifica a presença de um discurso retórico do narrador para aludir às comunidades que compõem sua identidade é quando ele explica na carta o que significa ser um escritor. Impulsionado pelo questionamento que sua mãe lhe fez uma vez, o personagem expõe seu ponto de vista pautando-se no senso de coletividade que o representa: “eu nunca quis dar corpo a uma obra, mas preservar esses corpos, os nossos corpos, vivos e esquecidos, dentro da obra” (Vuong, 2021, p. 161). Para chegar até essa resposta, Cachorrinho pontua o impacto da negligência sistêmica em sua vida e nas pessoas ao seu redor (incluindo aquelas que não têm origem vietnamita) com o passar dos anos em Hartford (Connecticut). Adicionalmente, ele menciona algumas histórias individuais — suas e de outros — que configuram um quadro das dificuldades, tragédias e injustiças que permeiam seu cotidiano.

Nesse fragmento, a retoricidade do protagonista reflete uma preocupação com a memória e a imagem coletiva, na literatura, das identidades marginalizadas nos E.U.A., especialmente a vietnamita-americana gay. Isso fica explícito quando ele começa enfatizando sua credibilidade como um escritor que é dedicado a uma causa maior do que a própria criação literária. Em seguida, utiliza as metáforas ‘dar corpo a uma obra’ e ‘preservar esses corpos’ que conectam a escrita à vida e à preservação da memória. Depois, a expressão ‘os nossos corpos’ ressalta tanto suas vivências individuais quanto as de outras pessoas oprimidas que compartilham dessas mesmas experiências — predominantemente vietnamita-americanos, LGBTQIAPN+ e/ou aqueles presentes nessa interseção. Por fim, ‘vivos e esquecidos’ funciona metaforicamente como uma alternativa emocional para indicar que são cidadãos à margem social.

Essa escolha de palavras para compor a mensagem que Cachorrinho quer abordar,

expandindo de sua individualidade para uma visão grupal, reverbera a ideia de Sarlo (2007, p. 24-25), segundo a qual

Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar.

Logo, ao trabalhar na comunicação não estereotipada das realidades de corpos ‘vivos e esquecidos’, baseando-se em suas próprias experiências e nas de pessoas próximas, Cachorrinho não somente resgata trajetórias da marginalidade e do silêncio, mas as insere em uma dimensão temporal que vai além do momento vivido. Desse modo, a escrita literária se torna um meio de transformar tais vivências em matéria acessível à sociedade. Ela permite que, por exemplo, os registros de suas comunidades vietnamita-americanas e LGBTQIAPN+ — frequentemente apagados pela narrativa dominante — sejam preservados e atualizados a cada releitura. Com isso, ele indica que, como escritor, mais do que relatar sua vida pessoal, assume o papel de testemunha de um legado partilhado por quem também enfrenta os mesmos apagamentos e violências. Ou seja, seu trabalho garante que essas histórias não se percam no esquecimento, e que continuem sendo contadas, ressignificadas e incorporadas à memória coletiva.

Outro significado extraído de tal excerto é que — ao produzir obras em nome dos vietnamitas-americanos, e, principalmente, daqueles que, como ele, também são gays — Cachorrinho luta ativamente pela existência de mais narrativas literárias sobre trajetórias invisibilizadas como a sua. Dessa forma, ele ajuda na reversão do panorama do número de produções acerca da pluralidade dessa população imigrante, que é menor em comparação com outros grupos asiáticos, segundo Pelaud (2011, p. 2). Além disso, refletindo o preconceito e as dificuldades de representação existentes, essa quantidade é ainda inferior quando se trata de narrativas não heterossexuais.

Um aspecto que corrobora a persistência desse quesito destacado por Pelaud é a pressão sobre como representar dignamente as histórias dos vietnamitas-americanos LGBTQIAPN+, enfrentada pelos escritores da própria comunidade. Eles lidam com a dificuldade de construir esses personagens com precisão, uma vez que suas vidas estão conectadas com um cenário histórico multifacetado nos E.U.A., marcado tanto pelas consequências da Guerra do Vietnã quanto pela complexidade por serem indivíduos racializados e não heterossexuais em uma sociedade preconceituosa. Por isso, representar essas jornadas requer um cuidado minucioso, garantindo que sejam retratadas com autenticidade e profundidade. Trata-se de um processo que exige sensibilidade para captar as nuances das experiências individuais, ao mesmo tempo que reconhece o peso das estruturas sociais que impactam essas vidas — tanto na ficção quanto fora dela.

Não obstante, após passar por essa etapa, existe uma complicação para achar editoras que estejam dispostas a publicar tais narrativas. É desafiadora a aceitação de histórias no mercado editorial tradicional que abordem a combinação de temas, como a interseccionalidade entre raça, sexualidade e histórico de guerra. O principal motivo é que elas rompem com as normas e revisitam questões ignoradas pela sociedade. Por consequência, suscitam reflexões sobre realidades desconfortáveis, o que muitas vezes gera resistência em um mercado editorial que privilegia obras mais alinhadas aos padrões dominantes.

Além disso, uma das razões pelas quais muitas editoras relutam em publicar essas narrativas é o receio de serem vistas como ativistas, o que pode acarretar boicotes (comumente chamados de cancelamento nos dias atuais) e repercussões negativas, especialmente em um ambiente conservador.

Em resumo, isso significa que os autores convivem com o obstáculo de criar retratos vietnamitas-americanos LGBTQIAPN+ complexos e originais sem serem reduzidos a estereótipos ou narrativas simplificadas, frequentemente impostos por expectativas sociais e categorias

predefinidas que prejudicam a mudança do cenário subalterno. Portanto, ao se empenhar em fazer produções textuais ultrapassando tais barreiras, Cachorrinho estabelece um elo de solidariedade com seus semelhantes e contribui para a construção de um espaço literário mais inclusivo, onde vozes marginalizadas podem ser ouvidas de forma legítima.

O último excerto selecionado concerne a um momento introspectivo de Cachorrinho, o qual reflete sobre o perigo de viver integralmente sua identidade sendo um corpo marginalizado. Esse pensamento surge após uma cena íntima entre ele e Trevor, que é um estadunidense branco. O relacionamento amoroso deles é secreto, por saberem que o contexto onde estão inseridos não os apoiaria e, também, por Trevor insistir na crença de que seu envolvimento homossexual não vai além da juventude. A relação é composta tanto pelo sentimento pleno de amar alguém quanto pelo medo de ser descoberto por isso.

Diante desse panorama, uma conversa entre os dois sobre a adequação a comportamentos habitualmente reproduzidos na sociedade, sem que os indivíduos de fato se questionem sobre os motivos — somente assumindo que se trata da lei da natureza — revela uma tensão entre conformidade e autenticidade. Essa troca sublinha como a aceitação passiva das normas sociais contribui para a perpetuação da exclusão e da estigmatização; por outro lado, também indica que desafiar-las para viver autenticamente pode colocar em risco a vida de quem o faz. Nesse sentido, Cachorrinho utiliza um discurso retórico que parte de sua vivência particular para refletir sobre sua identidade vietnamita-americana gay, evocando um senso de coletividade por esse grupo lutar historicamente por validação em meio à discriminação que enfrentam nos E.U.A.

Dizem que se você deseja algo com força suficiente, vai acabar transformando aquilo num deus. Mas e se tudo que eu sempre quis fosse a minha vida, Mãe?

Estou de novo pensando na beleza, em como algumas coisas são caçadas porque achamos que elas são bonitas. Se, comparada com a história do nosso planeta, uma vida individual é tão curta, um piscar de olhos, como dizem, então ser belo, mesmo que do dia em que você nasce até o dia em que você morre, é ser belo apenas por um instante? [...] Para ser belo, você primeiro precisa ser visto, mas ser visto sempre permite que você seja caçado (Vuong, 2021, p. 215/216).

As palavras do personagem expressam um tópico reflexivo consequente de como o ambiente em que ele está inserido o trata perante ao que ele representa. Segundo Lacan, é comum que os seres humanos tenham curiosidade em descobrir o significado da vida, como se ela precisasse de um propósito para ser valiosa (Stockton, 2023, p. 106). No entanto, esse trecho da obra ilustra que identidades marginalizadas convivem com esse dilema mais intensamente do que aqueles que correspondem às normas hegemônicas de classe, raça, gênero e sexualidade por constantemente sentirem uma perseguição (ou ‘caça’) que potencializa seu deslocamento social. Esse fator as leva ao sentimento de desesperança e desmotivação para viver em um lugar que não as acolhe — como Cachorrinho revela vulneravelmente: ‘e se tudo que eu sempre quis fosse a minha vida, Mãe?’.

Intencionalmente, muitas dessas pessoas se esforçam para se encaixar em padrões estabelecidos como ideais, com o objetivo de se sentirem valorizadas — mesmo que isso custe performar uma essência que não honra sua singularidade. O resultado desse processo tende a ser insatisfatório, pois impede que desfrutem plenamente da vida por dois motivos: elas não se sentem bem em viver verdadeiramente quem são e, ao mesmo tempo, convivem com um desconforto interno por estarem fingindo ser outrem.

Por tudo isso, a busca por um propósito que as encoraje a ignorar os padrões sociais para exaltar sua própria existência — e, conseqüentemente, atribuir um significado positivo à sua visibilidade no mundo — se torna uma jornada árdua de autoafirmação e resistência. Especialmente por conta dos perigos a que estão sujeitas nessas circunstâncias. Logo, ao associar a beleza à efemeridade da vida individual (um ‘piscar de olhos’), ele se coloca em um contexto maior, que considera a brevidade da existência e a busca por beleza como uma metáfora para a luta coletiva que cada pessoa enfrenta em prol de aceitação e respeito para si e sua comunidade.

De acordo com Bender e Wellbery (1998, p. 38), “o conceito de retoricidade evidencia a universalidade da condição retórica, sua não restrição às circunstâncias especializadas de comunicação formal e persuasão”. Isto é, a seleção proposital das palavras é um aspecto intrínseco a toda interação humana, ligada ao objetivo que o enunciador deseja alcançar — mesmo que inconscientemente. Tal perspectiva ajuda a compreender a escolha da linguagem que evoca um senso de coletividade no fragmento da carta. Afinal, embora Cachorrinho não esteja tentando persuadir de forma declarada, ele utiliza estrategicamente o elemento lexical ‘você’ com a intenção de universalizar seu raciocínio. Isso torna suas experiências de luta por beleza, visibilidade e aceitação, bem como os perigos inerentes a essa busca, aplicáveis àqueles que compartilham de jornadas semelhantes. Dessa forma, a partir de um testemunho pessoal melancólico, a passagem promove uma reflexão ampla sobre o dilema entre a beleza e a vulnerabilidade de viver enfrentado no cenário vietnamita-americano gay na sociedade estadunidense.

Conclusão

Este artigo investigou como, no romance *Sobre a terra somos belos por um instante* (de Ocean Vuong), Cachorrinho utiliza a retoricidade em seu discurso para aludir um senso de que a representação de sua jornada individual visibiliza a comunidade vietnamita-americana gay nos E.U.A. Isso foi possível mediante uma análise textual que identificou os elementos léxicos retóricos nessa literatura de testemunho e descreveu quais experiências coletivas são evidenciadas por meio da linguagem adotada pelo protagonista.

Explorar as nuances das estratégias retóricas e das referências históricas e culturais nos fragmentos selecionados da carta corroborou a consolidação da hipótese de que a escrita de Cachorrinho transcende o âmbito autobiográfico. Sua utilização de uma linguagem conotativa e meditativa não só constrói uma ponte afetiva entre seu passado e sua mãe, mas alcança um significado mais profundo, conectando seu relato pessoal às vivências de seu grupo. Conclui-se, assim, que trazer as experiências de imigração, discriminação racial e repressão sexual que moldaram a constituição de sua identidade o levou a destacar que tais dificuldades enfrentadas não são meramente casos isolados.

Desse modo, esse texto literário serve como uma ferramenta política de ressonância sociocultural e emocional. Ele possibilita ao público ver além das barreiras ilustradas pela jornada do personagem e, então, entender questões de marginalização frequentemente enfrentadas por quem possui uma identidade semelhante à dele no contexto estadunidense real. Esse mérito deve-se à eficaz aplicação de estratégias retóricas testemunhais literárias que traduzem, com sensibilidade, uma trajetória pessoal atravessada por silenciamentos históricos — inclusive no campo da literatura.

Como resultado dessa composição, Ocean Vuong constrói um personagem que alcança o objetivo de manter vivas, na obra, as histórias e os corpos que, embora frequentemente esquecidos, persistem em existir. *Sobre a terra somos belos por um instante* ultrapassa os estereótipos associados às identidades oprimidas, preservando a memória e a existência da comunidade vietnamita-americana gay. Ao fazer isso, realça as tensões entre pertencimento e exclusão, mas, principalmente, a perseverança que essas pessoas têm demonstrado, ao longo do tempo, para conquistar condições de vida cada vez mais dignas nos E.U.A.

Referências

ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

AUFRICHTIG, Aliza; KATZ, Josh. **Readers Choose Their Best Books of the 21st Century**. The New York Times, 2024. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/interactive/2024/books/reader-best-books-21st-century.html#> >. Acesso em: 8 out. 2024.

BENDER, John; WELLBERY, David. Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica. Trad. Angela Melim. *In: WELLBERY, David. Neo-retórica e desconstrução*. Organização: Luiz Costa Lima e Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BELSEY, Catherine. Textual Analysis as a Research Method. *In: GRIFFIN, Gabriele. Research Methods for English Studies*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013. p. 160-178.

ENG, David. Out Here and Over There: Queerness and Diaspora in Asian American studies. *In: ONO, Kent (ed.). A Companion to Asian American Studies*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

LIMA, Luiz. *Escritos de véspera*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

PELAUD, Isabelle. *This is All I Choose to Tell: History and Hybridity in Vietnamese American Literature*. Philadelphia: Temple University Press, 2011.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

STOCKTON, Will. *An Introduction to Queer Literary Studies*. New York: Routledge, 2023.

VUONG, Ocean. *On Earth We're Briefly Gorgeous*. New York: Penguin Press, 2019.

VUONG, Ocean. *Sobre a terra somos belos por um instante*. Trad. Rogério Galindo. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

Recebido em: 27 de abril de 2024
Aceito em: 15 de dezembro de 2024